

Guadalupe História da aparição da Virgem no México Introdução

1. Escreveu o Pe. Haroldo Rahm, S.J., em seu livro A Mãe das Américas (págs. 109 e 38):

"As aparições de Guadalupe constituem uma história maravilhosa, tão dramática e linda quanto se possa desejar, e rica de profundos significados. Sua mensagem de maternal amor e amparo é uma confirmação direta da doação que Dela nos fez nosso Salvador na cruz, como nossa Mãe. É uma resposta vigorosa aos católicos que acaso acoimam de "excessiva" a devoção a Maria. Iguamente àqueles que insistem em interpretar as palavras de Nosso Senhor: "Mulher, eis o teu filho", como ditas somente para São João e fazem críticas à devoção a Maria, Mãe e Medianeira da vida das nossas almas. (...)

A história de Guadalupe é bela, como nenhum conto poderia ser, inventado por mente humana. Nem teria imaginação para tanto o pobre índio inculto, que foi o seu protagonista."

E, realmente, trata-se de narrativa de uma beleza sem par, que excederia mesmo à trama do mais imaginativo dos contistas.

2. Entretanto, nota-se que é pouquíssimo conhecida entre nós, muito embora a maioria indiscutível do povo brasileiro dedique especial e terna devoção à nossa dulcíssima e sempre Virgem Mãe celestial.

Por isso, a razão deste livrinho: divulgar, o quanto possível, a maravilhosa aparição de Nossa Senhora no México, invocada sob o título de Nossa Senhora de Guadalupe.

0 Assombro

A Virgem de Guadalupe, desde a Cidade do México, assombra o mundo de hoje, quase quatro séculos depois da sua aparição ao índio nahua Juan Diego.

Desde 1531, se conserva nos santuários mexicanos uma "Tilma", um manto com o qual se cobriam os nativos nahuas, em que aparece a figura de uma jovem mulher, conhecida como a Virgem de Guadalupe, e que lembra a sua aparição.

Sempre se achou que fosse uma pintura feita sobre o manto indígena.

Foi preciso chegar ao século vinte, com os seus descobrimentos em várias ciências (química, física, medicina e computação), para que se pudesse "ver" o que durante tantos séculos só viram os devotos da Virgem de Guadalupe, a padroeira celestial do Novo Continente.

Graças a tais avanços científicos, agora, inclusive os que não acreditam na Virgem e na história da sua aparição, têm-se a oportunidade de mostrar o assombro: a tilma ou capa indígena, tecida em magüey (Magüey, Planta da família das Amarildáceas, com longas e carnosas folhas claras. Delas se obtém a "pita" e fibras têxteis. Diz-se que quando o magüey floresce, morre a planta), que não teve nenhum tipo especial de cuidado para a sua conservação durante vários séculos, exposta às mudanças climáticas, mostra uma imagem que é uma espécie de impressão de "estamparia" no tecido de magüey, que não sofreu variações com o correr do tempo. Além disso, mediante a análise de fotografias, exposições à luz infravermelha e ultravioleta, e, ultimamente, mediante análises feitas por

computadores, foi possível distinguir nos olhos da Virgem o reflexo de figuras humanas, de acordo com a lei ótica conhecida como "Tríplice Imagem de Punkinje Samson". O reflexo de figuras humanas nos olhos da Virgem foi constatado, pela primeira vez, numa fotografia tirada em 1929.

Agora, a computação descobre que as figuras humanas formam um grupo que parece observar a Virgem, a qual conserva nos seus olhos o que Ela viu naqueles momentos.

Como foi possível registrar tudo isto na primeira metade do século XVI?

Vejamos, então, o que foi que aconteceu em tão remota época.

A aparição no Tepeyac

Foi em 1513, ao pé do morro conhecido como Tepeyac, pouco distante da recém fundada Cidade do México. Os espanhóis tinham chegado ao México em 1509 e já se iniciara o trabalho de evangelização. O protagonista foi um índio nahua, batizado com o nome de Juan Diego.

A narração dos fatos conta com várias versões. A mais conhecida é a chamada "Nican Monopua" (Aqui e contado), escrita em nahua (Nahuatl, a língua dos habitantes do vale de México), por dom Antonio Valeriano, índio natural de Atzacapotzalco, filho de nobres caciques que mantinham parentesco com o Imperador Montezuma. Foi um dos alunos fundadores do Colégio de Tlatelolco.

Embora a inauguração oficial desse Colégio tivesse ocorrido em janeiro de 1536, desde meados do ano 1533, um franciscano ensinava gramática latina romanceada em língua mexicana a um grupo de mais de cinquenta crianças, entre as quais estava Antonio Valeriano. Pensa-se que o relato sobre as aparições da Virgem no Tepeyac foi escrito entre 1545 e 1550.

Em seguida, apresentamos um trecho de tal relato:

"Quando amanheceu o dia, sábado, 9 de dezembro de 1531, um índio de Cuahutitlán, chamado Juan Diego, passando perto do morro do Tepeyac ouviu melodiosos cantos de passarinhos que pareciam vir do cume. Observou, e viu à sua frente uma donzela muito bonita que resplandecia, com uma luz muito suave. que fazia brilhar tudo o que estava ao redor".

A Donzela dirigiu-se a Juan Diego com estas palavras:

- "Saiba e entenda você, o menor dos meus filhos, que eu sou a sempre Virgem Santa Maria, Mãe do verdadeiro Deus por quem se vive, do Criador junto de quem está tudo; Senhor do céu e da terra. Desejo vivamente que se me erija aqui um Templo, para nele mostrar e dar todo o meu amor, compaixão, auxílio e defesa, pois eu sou a sua piedosa Mãe, sua e de todos vocês juntos os moradores desta terra e os outros devotos meus que me invocam e que confiam em mim; ouvirei ali os seus lamentos, e remediarei todas as suas misérias, penas e dores. E, para realizar aquilo que a minha clemência pretende, vá ao palácio do Bispo do México e diga-lhe que eu o mando para lhe manifestar o que eu desejo muito, que aqui na planície me edifique um Templo. Contará detalhadamente tudo o que viu e admirou, e o que ouviu. Tenha certeza que eu lhe agradecerei bem e pagarei, porque serás feliz e merecedor de uma recompensa pelo trabalho e pelas fadigas com que procurará o que lhe encomendo. Agora que já me ouviu, filho meu, o menor de todos, anda e dê tudo de si".

Inclinando-se frente à Donzela, Juan Diego respondeu:

- "Minha Senhora, cumprirei o seu mandato. Por agora, me despeço, eu, seu humilde servidor".

O índio foi recebido benignamente pelo Bispo (Eleito) do México, o frei franciscano Juan de Zumarraga, mas o despachou rapidamente, dizendo-lhe que em outra oportunidade fariam mais circunstanciadamente sobre este assunto.

Esta resposta levou o índio até Maria Santíssima, que, numa segunda aparição, o esperava ao pé do morro do Tepeyac. Juan Diego suplicou à donzela para que enviasse, no seu lugar, uma pessoa de maior valor e com mais crédito. Ela respondeu que, embora lhe sobrassem embaixadores, queria que fosse ele o executor do seu desígnio.

Por mandato da Virgem, Juan Diego apresentou-se de novo ao Bispo eleito do México (Nova Espanha, naquela época), no domingo 10 de dezembro do ano 1531.

O frei Juan de Zumarraga escutou; fez-lhe muitas perguntas, relativas ao fato, e acabou pedindo ao mesmo algumas provas da vontade da Mãe de Deus. (Imaginara, então, o religioso - porém, sem manifestar tal pensamento a quem fosse, inclusive ao próprio Juan Diego - que essa prova pudesse ser a entrega das maravilhosas rosas que eram cultivadas na distante Castela, na Espanha. É que ali, no Novo Mundo, não havia tais flores, especialmente naquela estação do ano).

Entretanto, enviou criados da sua confiança para segui-lo e observá-lo. Contudo, perderam-no de vista ao chegarem perto da ponte do rio próximo ao Tepeyac.

Na segunda-feira, 11, Juan Diego teve que ficar, cuidando de um tio, um índio batizado com o nome de Bernardino, que estava gravemente doente.

Na terça-feira 12, pela manhã, foi buscar auxílio espiritual para o doente e, para não se entreter com a Virgem, foi por outro caminho, pelo lado oposto do mesmo morro do Tepeyac. Porém, a saiu-lhe Ela ao encontro, dizendo que o seu tio tinha recuperado milagrosamente a saúde.

O Milagre das Rosas

Seguindo com o escrito de dom Antonio Valeriano, chegamos ao momento em que é proporcionada a Juan Diego a prova solicitada pelo Bispo do México.

"Mandou-lhe (a Virgem) que subisse até o cume do morro para cortar umas rosas que encantaram o índio pela sua fragrância. Recolheu-as na sua "tilma de ayatl" (capa de aiate, ou seja, pano fabricado com fibras de magüey) e as levou a Maria, que tomando-as nas mãos, tornou a depositá-las no "ayatl" e lhe disse que, com muito cuidado e sem mostrá-las a ninguém pelo caminho, as levasse até Zumarraga como sinal da sua referida vontade".

Com a sua preciosa carga de rosas de Castela, protegidas pelo "ayatl", Juan Diego chegou à residência do Bispo e eis, em continuação, o que diz Valeriano:

"Esperou muito tempo. Quando viram que estava lá há muito, em pé, de cabeça baixa, sem fazer nada, esperado ser chamado, e

que, aparentemente trazia algo no seu colo, se lhe aproximaram para ver o que estava trazendo e ficasse, assim, satisfeito.

Juan Diego viu que não podia esconder deles o que trazia, e que por isso incomodariam, empurrariam e golpeariam. Abriu, então, um pouco a capa e viram que eram flores; quando isto aconteceu perceberam que todas eram diferentes rosas de Castilla, e que não era a estação apropriada; assombram-se também, porque estavam muito frescas, abertas, perfumadas. E eram lindíssimas.

Quiseram tirar algumas, porém, em três tentativas, não o conseguiram; não tiveram sorte porque quando iam pegá-las, já não eram mais flores verdadeiras, senão que lhes pareciam pintadas ou bordadas ou costuradas na manta.

Foram correndo contar ao Bispo o que tinham visto e que o moço que já tinha ido várias vezes, queria vê-lo. Estava esperando há muito tempo, com esse desiderato.

Percebeu, o senhor Bispo, quando ouviu o que lhe contaram, que era a prova, que ele, prelado, imaginara para que fosse convencido da autenticidade do pedido e cumprisse o que lhe era solicitado.

Logo, mandou que entrasse .

Assim que entrou, humilhou-se e ajoelhou-se na frente dele, como nas outras vezes, e contou de novo tudo o que tinha visto e admirado, e também a sua mensagem.

Disse: - Senhor, fiz o que me ordenou. Disse à minha Senhora, a Senhora do céu, Santa Maria, preciosa Mãe de Deus, que V. Exa. pedira um sinal para poder acreditar em mim e para construir o Templo no lugar escolhido por Ela; além disso, disse-lhe que eu tinha prometido trazer algum sinal e a prova, como pedido pelo senhor. Acedeu ao pedido, acolhendo-o benignamente; aqui estão o sinal e a prova para que se cumpra a sua vontade. Hoje, muito cedo, mandou-me cá outra vez; pedi-lhe o sinal, para que acreditassem em mim, de acordo com o que me dissera e cumpriu imediatamente; mandou-me ao cume do morro, onde eu a tinha visto antes, para cortar várias rosas de Castela.

Depois de cortá-las, levei-as para baixo; pegou-as a Senhora nas mãos e as entregou de volta para que as trouxesse pessoalmente.

Mesmo sabendo bem que o cume do morro não é um lugar onde nasçam flores, porque há somente penhascos, abrolhos, espinhos, nopais (ou figo da Índia), nem por isso duvidei.

Quando estava chegando ao cume do morro, olhei e vi que estava no paraíso, onde havia juntas todas as várias e lindíssimas rosas de Castilla, brilhantes de orvalho, que eu logo cortei.

Ela me disse que tinha que entregá-las ao senhor; e isso fiz, para que nelas veja o sinal que me pediu e se cumpra a vontade dela; e também para que apareça a verdade da minha palavra e da minha mensagem.

Ei-las, receba-as."

Abriu, então, o seu branco manto no qual estavam as flores.

E, tão logo as rosas se espalharam pelo chão (na manta de ayatl), desenhou-se nela e apareceu, de repente, a preciosa imagem da sempre Virgem Santa Maria, Mãe de Deus, da forma como está e se guarda hoje em dia no seu templo do Tepeyac, que é chamado Guadalupe.

Logo depois que o Bispo viu, ele e todos os que estavam presentes, ajoelharam-se; levantaram-se para ver; ficaram tristes e

se afligiram, demonstrando assim que a contemplaram com o coração e o pensamento. O Bispo, com os olhos cheios de lágrimas rezou e pediu-Lhe perdão por não ter colocado em prática a sua vontade e o seu mandato.

Quando se levantou, desatou do pescoço de Juan Diego, no qual estava amarrado, o manto (a "tilma de ayatl") em que se desenhou e apareceu a Senhora do céu. Depois levou-o e colocou-o no seu oratório".

A Imagem

O manto em que milagrosamente apareceu a imagem da Senhora do céu, era o casaco de Juan Diego "ayatl" um pouco rígido e bem feito. Porque nessa época, a roupa e os abrigos dos pobres eram feitos de ayate; só os nobres, os principais e valentes soldados se vestiam e se protegiam com um manto branco de algodão.

De acordo com Jacques Soustelle "o homem usava uma tanga (maxlatl), cujas extremidades, freqüentemente bordadas, caíam na frente e atrás até à altura do joelho, e se cobria com um manto ou um capote (tilmatli), uma peça de tecido retangular amarrada no ombro, sob o qual as vezes, usava uma espécie de camisa ou de túnica". ("Vestidos e enfeites", "Os Aztecas").

O relato de Valeriano segue assim:

"O ayate, como se sabe, é feito de "ichtli", produto do "magüey". Este precioso ayate em que apareceu a sempre Virgem nossa Rainha, é de duas peças, costuradas com linha branca. A imagem benta é tão grande que, começando na planta do pé, até chegar a nuca, tem seis jemes (distância existente entre os dedos indicador e polegar, estendidos ao máximo). O seu bonito rosto é grave e muito nobre. um pouco moreno. O seu precioso busto aparece humilde: as suas mãos estão sobre o peito quase onde começa a cintura. O seu cinto é roxo. Somente no seu pé direito aparece um pouco a ponta de seu sapato cinza. A roupa, pelo que se vê por fora, é cor de rosa e nas sombras parece vermelho. E é bordada com diferentes flores, todos botões com borda dourada. Preso no seu pescoço está um anel dourado, com listas pretas na margem e, no meio, uma Cruz. Além disso, pode-se ver, por baixo, outro vestido branco e leve, ajustado nos pulsos e desfiado no fundo. O seu véu, por fora, é celeste; bem sentado na sua cabeça, o rosto completamente descoberto; caindo até os seus pés, franzido um pouco no meio, a sua franja é dourada, bastante larga, com estrelas de ouro espalhadas, num total de 46. A sua cabeça se inclina à direita; e, em cima, sobre o seu véu, está uma coroa de ouro, com figuras afuseladas para cima e largas em baixo.

Aos seus pés está a lua, cujas pontas vão para cima. Fica exatamente no meio delas e igualmente aparece no meio do sol, cujos raios a seguem e rodeiam por todos os lados. Os resplandores de ouro são cem, alguns muito longos, outros pequenos e com figuras de lhamas (de fogo): doze circundam o seu rosto e a sua cabeça; e de cada lado saem cinquenta. Finalmente, uma nuvem branca rodeia a borda do seu vestido. Esta preciosa imagem, com tudo o resto, vai correndo em cima de um anjo que termina na altura da cintura e não aparece nos seus pés; é como se estivesse metido na nuvem.

Os extremos da roupa e do véu da Senhora do céu, caindo nos seus pés, são recolhidos, por ambos lados, pelas mãos do anjo, cuja roupa é vermelha, com uma gola dourada e cujas asas são de ricas penas; compridas e verdes. Ela é levada pelas mãos do anjo que, aparentemente, está muito contente de levar a Rainha do céu."

A Primeira Cura Milagrosa

Continuemos com o relato de Valeriano, narrando o que aconteceu no dia 13 de dezembro de 1531:

"... (O Bispo disse-lhe) Vamos! mostre-me onde a vontade da Senhora quer que se construa o seu templo".

Imediatamente, todos foram convidados para fazer o mesmo.

Assim que Juan Diego indicou onde tinha mandado a Senhora do céu que se levantasse o seu templo, pediu licença para ir embora. Queria ir até a sua casa para ver o seu tio Juan Bernardino, que estava muito grave, quando o deixou e foi a Tlatelolco chamar um sacerdote para confessá-lo e prepará-lo, e a Senhora tinha dito que já estava bem.

Porém não o deixaram ir só, e o acompanharam até a sua casa. Quando chegaram, viram o seu tio muito contente e sem nenhuma dor.

Assombrou-se por ter chegado acompanhado e perguntou ao sobrinho o porque de tanta honra.

O sobrinho respondeu que, quando foi chamar o sacerdote para confessá-lo e prepará-lo, apareceu no Tepeyac a Senhora do céu; Ela lhe disse que não ficasse aflito. que o seu tio estava bem. Ele ficou mais tranqüilo e foi ao México para ver o senhor Bispo e pedir-lhe que construísse uma casa no Tepeyac.

O seu tio disse-lhe que era verdade a sua cura e que ele mesmo a tinha visto da mesma maneira como apareceu para o sobrinho, inteirando-se, através dela, que o seu sobrinho tinha sido enviado a ver o Bispo.

A Senhora também lhe disse que, quando fosse ver o Bispo ele tinha que contar-lhe tudo o que tinha visto e a maneira milagrosa de sarar; e que ia dizer o seu nome, assim como seria nomeada a sua sagrada imagem, a sempre Virgem Santa Maria de Guadalupe.

Juan Bernardino foi trazido na presença do Bispo para que o informasse e testemunhasse na frente dele".

Até aqui o resumo do relato de Valeriano É o mesmo que, posteriormente, no século XVII publicaram os respeitáveis sacerdotes Sánches, 1648; Lasso de la Vega, 1649 e Becerra Panco, 1675.

Esta é a história que todos os mexicanos conhecem, desde a infância, sobre a Virgem de Guadalupe, a Senhora do Tepeyac .

Veracidade histórica da Aparição

A aparição no Tepeyac, no ano 1531, é um fato histórico, documentalmente comprovado.

O mais antigo, cujo original é conhecido, é a lacônica porém amorosa e devota nota nos "Anais" mexicanos, que traduzida para o espanhol (e, agora, vertida ao português) , diz o seguinte:

"Neste ano (1531) chegou um novo Presidente (da Real Audiência) para governar o México, e também neste ano, sendo Bispo Juan de Zumárraga, um padre franciscano, apareceu a nossa muito amada Mãe de Guadalupe."

O texto original em mexicano (mexica) começa assim: "Nícam

ipan xihuitl huala Presidente y ancuican. . ."

Estes anais índios são geralmente muito apreciados, não só como antigüidades, senão como fundamentos históricos. Nos "Anais" se basearam as histórias de Sahagun, Clavijero, e ainda a de Orozco e Berra.

Os anais estão escritos com a ingenuidade e a simplicidade de uma criança. Ao lado do ano correspondente, o escritor incluía os acontecimentos que lhe pareciam mais interessantes ou importantes.

Apesar da perda de oito páginas destes Anais, e possível confirmar que começam muito antes da Conquista e terminam no ano 1621. Não pertencem a um único autor, o que pode ser comprovado pela letra dos copistas.

Outro testemunho da época e o testamento da Índia Juana Martin: as palavras que nos interessam, traduzidas, são as seguintes:

"Hoje, sábado, 11 de março de 1559, ano em que assinalo e falo, na minha casa... o meu nome é Juana Martin e, assim como eu sai daqui neste povoado de Cuantilan, aqui criou-se o jovem Juan Diego, quem, depois, se casou em Santa Cruz Tlacpac, perto de San Pedro, com uma jovem cujo nome era Maria; ela morreu logo e Juan Diego ficou sozinho; depois de algum tempo, através dele se fez o milagre no Tepeyac, onde apareceu a amável Senhora (Cihuapilli) Santa Maria, cuja imagem vimos em Guadalupe, que é verdadeiramente nossa e do nosso povo de Cuautitlan. E agora, com todo o meu coração, a minha alma e a minha vontade, dou a sua Majestade o que tenho de meu. Vou dar tudo à Virgem do Tepeyac (in ichpostly Tepeyac. . .)."

Pode existir um testemunho melhor, da época da aparição da Virgem no Tepeyac?

E, finalmente, a respeito da relação escrita por Valeriano, existe o testemunho do sábio e erudito jesuíta, dom Carlos de Sigüenza y Góngora, nascido na Cidade do México, em agosto de 1645, que, no seu livro "Piedade Heróica de dom Fernando de Cortés", Cap. X, N.114, escreveu as seguintes palavras:

"Digo e juro que este relato foi encontrado no meio dos papéis de Dom Fernando de Alva (eu tenho todos eles). . . e que E o mesmo que afirma o advogado Luís de Becerra no seu livro (página 30 da impressão de Sevilha), ter visto em seu poder. O original está com a letra de dom Antonio Valeriano, índio, que é o seu verdadeiro autor, e no final acrescentam alguns milagres de punho de Dom Fernando, também em mexicano".

Caberia, então, concluir que o conhecimento popular sobre as aparições no Tepeyac está fundamentado em documentos sérios e contemporâneos.

A Ermida do Tepeyac

No dia 26 de dezembro de 1531, a "Tilma" de ayate do índio Juan Diego, com a imagem da Virgem impressa nela, foi transferida a uma humilde capela construída pelos índios no Tepeyac, onde permaneceu exposta para a veneração até 1622, data em que se começou a construir uma Basílica.

Depois de múltiplas mudanças, esteve inclusive na Catedral da Cidade do México, a imagem sagrada dos mexicanos foi instalada no altar mor da Basílica de Guadalupe, no dia 11 de outubro de 1976.

Porém, foi na igreja que substituiu a Ermida onde continuou

a manifestar-se a religiosidade dos índios e onde aconteceram os milagres. Disto dá fé a Relação escrita pelo inglês Miles Philips, em 1582.

"No dia seguinte, de manhã, fomos para México, até ficar a duas léguas da cidade, no lugar onde os espanhóis edificaram uma magnífica Igreja dedicada a Virgem (. . .) todas as vezes que os espanhóis passam perto dessa Igreja, mesmo sendo a cavalo, se afligem, entram na Igreja, se ajoelham frente a imagem, e rogam a Nossa Senhora que os livre de todo mal: de maneira que, a pé ou a cavalo, não passarão pelo lugar sem entrar na Igreja porque acham que, se não o fizerem, não terão sorte em nada. E essa imagem é chamada, em espanhol, de Nossa Senhora de Guadalupe. Há uns banhos frios que brotam borbulhando como se a água estivesse fervendo; a água tem um sabor um pouco salubre, porém muito boa para que se lavem os que tem feridas ou chagas porque, segundo dizem, sarou muitos doentes. Todos os anos, no dia da festa de Nossa Senhora, as pessoas têm o costume de ir, oferecer e rezar na Igreja frente a imagem e dizem que a Nossa Senhora de Guadalupe faz muitos milagres. Ao redor desta Igreja não há povos com espanhóis, mas alguns índios moram nas suas choças campestres".

Este testemunho de um inglês objetivo do século XVI, nos informa sobre o culto que se tributava à Virgem de Guadalupe, tanto por parte dos espanhóis quanto pelos nativos mexicanos.

Os índios, criaturas de Deus

Foram os índios do México, os da chamada (pelos Conquistadores) Nova Espanha, os que levaram a Sua Santidade Paulo III, a ditar o decreto pontifício "*Sublimis Deus*", no dia 2 de junho de 1537. Nele se reconhece aos índios a sua qualidade de "criaturas de Deus".

Pela grande importância que este decreto teve na formação da nova raça que se acrisolou na América, e pelo despertar religioso nos nativos, fervorosos devotos da Virgem de Guadalupe, transcrevemos um breve trecho (textual):

" . . . é preciso confessar que a condição e a natureza do homem são tais que pode receber a mesma fé de Cristo, e que qualquer pessoa que tenha a natureza humana pode receber a mesma fé. . . se sabe que disse quando destinou pregadores da fé ao ofício da pregação: *Euntes, docete omnes gentes*. A todas, disse, sem nenhuma exceção, porque todos são capazes na doutrina cristã da fé. O qual, vendo e invejando o émulo do próprio gênero humano que se opõe a todos os bons para que morram, escolheu um meio até hoje nunca ouvido, para impedir que a palavra de Deus fosse pregada com o fim de que as pessoas se salvassem, e excitou alguns dos seus satélites que, desejosos de saciar a sua cobiça, se atrevem a dizer que os índios ocidentais e meridionais e os de outras nações, devem reduzir-se ao nosso serviço como se fossem animais brutos, dando o pretexto de que são incapazes de praticar a fé católica e os reduzem à escravidão impondo-lhes aflições que usariam com os animais utilizados por eles. Portanto, nós que, mesmo sendo indignos temos na terra o mesmo papel do Nosso Senhor Jesus Cristo, e que com toda a nossa força tentaremos conduzir a seu redil as ovelhas do seu rebanho que ele nos confiou e que não estão nele, considerando que aqueles índios, como verdadeiros homens, não são somente capazes de fé cristã, senão que se aproximaram a ela com muito desejo e, querendo prover os remédios convenientes a estas coisas, com autoridade Apostólica, pelas presentes linhas determinamos e declaramos, sem contradizer coisas anteriores ou outras, que os índios e todas as outras nações que conhecerão os cristãos no futuro, mesmo estando fora da fé, não estão,

contudo, privados nem podem ser privados da sua liberdade nem da
possessão das suas coisas, e ainda mais, podem livre e
licitamente ter e gozar da posse e da liberdade e não devem
ser escravizados e tudo o que tenha acontecido de outra maneira
não é mais válido e que ditos índios e dos de outras nações
sejam convidados a participar da fé de Cristo através da
pregação da palavra de Deus e do exemplo da boa vida; e que às
cópias das presentes linhas assinadas pela mão de algum notário
público e corroboradas com o selo de alguma pessoa constituída
em dignidade eclesiástica, deve-se prestar a mesma fé.
Despachado em Roma, em São Pedro, no ano da Encarnação do Senhor
de 1537, no dia dois de junho, do nosso pontificado, ano
terceiro". (Arquivo Geral das Índias.)"

Não deixa de ser curioso que este Decreto Pontifício,
verdadeiro precursor da Declaração dos Direitos Humanos, fosse ditado
somente seis anos depois de que a Virgem do Tepeyac escolheu um
índio mexicano como enviado ao Bispo da capital da Nova Espanha. . .

Esta foi a forma como se gestou uma religiosidade e um
carinho sem limites do povo mexicano a sua Virgem de Guadalupe. Culto
que se manteve inalterado através dos séculos. Que resistiu a
catástrofes telúricas, ataques virulentos, atentados, ditaduras
políticas, heresias, perseguições à Igreja, e ao tempo . O implacável
passar dos anos que, contudo, manteve inalterada a "tilma" de ayate
do pobre índio Juan Diego.

Foi construída uma Basílica para a Virgem e uma estátua para
Juan Diego. Essa Virgem, que se mostrou com o rosto moreno, talvez
para simbolizar o pacto que se estava fazendo entre a Europa
conquistadora e a raça autóctone, que não seria destruída na sua
qualidade humana, senão que daria origem à nova raça americana; essa
mesma Virgem mantida permanentemente vigente, tinha na sua doce
imagem um milagre que só poderia ser entendido pelo homem do século
XX.

Sobre este "Milagre Pendente" tratarão as próximas páginas.
Um milagre tão incrível e portentoso que só se pode dar dele uma
versão fria e objetiva. Os acontecimentos e as descobertas feitas até
agora, nos obrigam a refletir e a não adiantar nenhum tipo de juízo.

A história oculta da primeira descoberta do século XX
começou em 1929, quando o fotógrafo da Basílica, dom Alfonso Marcué,
acha que viu no olho direito da Virgem a imagem de uma pessoa.

Dali para frente, começaram as perguntas, os
interrogatórios, principalmente, o relacionado com a imagem impressa
na "tilma" de Juan Diego: a resistência ao passar do tempo, a falta
de estragos (que poderiam ou teriam sido feitos pelos insetos, pela
fumaça das velas), o manuseio pelos devotos, etc. Até chegar às
sofisticadas análises sobre a textura da tela, pinturas, análises
sobre fotografias por computadores, etc.

Uma pintura que não é "pintura"

Durante séculos, os crentes que rezavam à Virgem, faziam-no
diante de uma tela na qual, supostamente, estava "pintada" a imagem
da Virgem.

O Prêmio Nobel de Química de 1938 , analisou duas fibras
tiradas da "Tilma" e afirmou, decididamente, que: ". . . nas duas
fibras, uma vermelha e outra amarela, não existiam corantes vegetais,
nem corantes animais ou minerais". Isto e, não era uma pintura. (As
tintas modernas baseadas em corantes sintéticos não eram conhecidas
1531). Portanto, a ela não estava "pintada". Então, como era possível
que se visse como se estivesse "pintada"?

Uma resposta a esta pergunta foi dada, no dia 10 de dezembro de 1975. O doutor Eduardo Turati, num informe, diz o seguinte:

". . . um fato que chamou a minha atenção é que, observando a imagem, nas partes onde o tecido está aberto pelos anos que tem, apesar disso, a pintura permanecia intacta nas fibras posteriores do "ayate" (as que obviamente estavam escondidas pelas fibras superiores quando foi feita a tela). Este detalhe tão significativo nos faz pensar que a imagem está impressa, ou faz parte da própria tela, e não é uma pintura sobreposta a ela".

Como foi possível imprimir ou estampar a tela, em toda a sua espessura, em 1531?

Por outro lado, outros investigadores e cientistas preocuparam-se com o fato tão evidente de que a tela parece ser refratária à poeira, aos insetos e à umidade ambiental. Não podemos nos esquecer de que a imagem foi exposta à veneração, sem nenhum tipo de proteção, durante mais de um século, na Ermida e na primitiva Igreja do Tepeyac.

Além disso, uma "Tilma" ou capa de magüey tem uma duração máxima de vinte anos, e o "ayate" de Juan Diego conserva a sua textura e as suas cores por mais de quatrocentos e cinquenta anos.

Houve um atentado com dinamite na manhã do dia 14 de novembro de 1921. Foram gravíssimos os danos à Basílica e aos prédios próximos. Porém, sequer foi rompido o cristal da urna que protegia o manto. Até as grades do altar de mármore, onde se encontrava a imagem, foram reduzidas ao pó . . .

Quando sacudindo a palha se acha o trigo. . .

Na noite do dia 7 de maio de 1979 , os cientistas Philips S. Callagan (biofísico da Universidade da Flórida) e Jody Brant Smith (Professor de Estética em Pensacola e na Universidade de Miami, e membro do grupo da NASA que pesquisa o Santo Sudário de Turim), fotografaram a imagem da Virgem de Guadalupe, sem a sua proteção de cristal, utilizando filmes especiais para raios infravermelhos e filmes normais.

O relatório entregue por estes cientistas como um obséquo ao Cardeal Bispo do México, é taxativo:

"Existe uma imagem primeira, impressa na tela, e posteriores agregados com pinturas comuns que já sofrem o deterioração do tempo. Sobre o que foi acrescentado e que fez a devoção e o fervor popular com o decorrer dos séculos, não vale a pena falar, porém, sim vale a pena referir-se à imagem em si, a qual resulta inexplicável.

A figura inicial que compreende a túnica rosa, o manto azul, as mãos e o rosto, é INEXPLICÁVEL.

Partindo do exame realizado com os raios infravermelhos, não se pode explicar nem o tipo dos pigmentos cromáticos utilizados, nem a permanência da luminosidade e do brilho das cores depois de quatro séculos e meio. Ainda mais, considerando que não há traços nem preparação subjacentes, nem verniz aplicado sobre a pintura, e que a trama mesma da tela é aproveitada para dar profundidade ao retrato, não

existe uma explicação possível da imagem com e pelos processos da fotografia infravermelha. É notável que depois de 450 anos não exista descoloração, nem fendas na figura original, em nenhum lugar do manto, o qual, por falta de empastamento, deveria ter-se deteriorado há mais de cem anos".

O informe termina de modo absolutamente taxativo:

"Em resumo, a sagrada imagem original é INEXPLICÁVEL. Os enfeites e a lua foram, provavelmente, acrescentados no século XVI por um índio, e, por outras mãos, também humanas, as decorações góticas e o resplendor do fundo . . . "

Os Olhos: Uma fotografia de mais de quatrocentos e cinquenta anos?

O primeiro documento oficial que certifica a existência de reflexos nos olhos da Virgem de Guadalupe, data do dia 26 de maio de 1956, assinado pelo oculista, doutor Javier Torroella Bueno:

"Se pegamos uma fonte luminosa e a colocamos em frente a um olho, veremos que esta é refletida por ele; o lugar onde se reflete e que nós vemos, é a córnea, já que no olho só se podem refletir as imagens em três lugares (Imagens de Samson Purkinge), isto é, a face anterior da Córnea, a face anterior do cristalino e a face posterior do mesmo.

Os caracteres destas imagens são os seguintes: a imagem da face anterior da córnea é mais brilhante, e direta; a segunda imagem, isto é, a da face anterior do cristalino, também é direta, porém, menos brilhante; e a terceira, é invertida e pouco luminosa. Para poder observar estas duas últimas imagens é necessário que a pupila esteja em midríase, já que fica atrás do iris.

Na imagem da Virgem de Guadalupe que me foi dada para estudar, os reflexos estão na córnea.

Se pegamos um pedaço de papel de forma quadrada e o colocarmos em frente a um olho, perceberemos que a córnea não é plana (nem esférica) , já que se produz uma distorção da imagem de acordo com o lugar onde está refletindo.

Se afastamos este papel, notaremos que aparecem no lugar contra lateral do outro olho; isto é, se uma imagem se reflete na região temporal do olho direito, se refletirá na região nasal do olho esquerdo. As imagens em estudo, estão perfeitamente colocadas de acordo com isto, a distorção das figuras também concorda com a curvatura da córnea".

Estaríamos, então, perante uma imagem impressa numa tela e cujos olhos parecem estar vivos, refletindo o que vêem? São inumeráveis os testemunhos dados por oculistas de renome internacional sobre o que se vê nos olhos da "Guadalupe", a indiscutível Soberana da América Latina, a que reina nos três subcontinentes do Novo Mundo.

Guardamos para o final o golpe de graça que dá um jornalista espanhol, incansável pesquisador, J. J. Benitez. Este, depois de

muito estudo, relatou os resultados do computador sobre esses maravilhosos olhos da Virgem.

Um auto-retrato?

O professor José Aste Tonsmann, especialista em Engenharia de Sistemas Ambientais, da Universidade de Cornell, nos Estados Unidos da América, destacado num Centro Científico computacional no Distrito Federal do México, resumiu as suas conclusões do que até agora conseguiu estudar, mediante a fotografia submetida à análise do computador, sobre o que há nos olhos da Virgem de Guadalupe.

Resumiremos da seguinte maneira:

- Mediante o uso de sofisticados computadores, se descobre a figura de um "índio sentado" no olho esquerdo da imagem da Virgem de Guadalupe.

- A segunda descoberta é a de um "homem com barba", no olho direito.

- Tonsmann acha um terceiro e um quarto personagens; o ancião, possivelmente o Bispo, frei Juan de Zumarraga, e o "tradutor". Ambos no olho esquerdo.

- Aparece a suposta imagem do índio Juan Diego no momento de abrir a sua "tilma" para entregar as rosas ao Bispo. Os computadores (até agora) "não vêem" flores na superfície do ayate (também não aparece a figura da Virgem no ayate, até esse instante).

- Os computadores descobrem um novo personagem, uma preta, que, como se supõe, seria serviçal do Bispo.

- Mediante o sistema de "mapeamento" (termo empregado por Benitez), pode-se localizar, no olho direito, o mesmo grupo de figuras que tinha sido descoberto no olho esquerdo. Isto elimina toda possibilidade de casualidade na formação das imagens.

- Efetuou-se uma experiência com olhos pintados num quadro, mas foram obtidas apenas manchas sem forma. Esta experiência, segundo os técnicos, é conclusiva.

- Aparece em ambos os olhos. o chamado "grupo familiar" que rompe a lógica da cena. Segundo Tonsmann, o grupo contém algum tipo de mensagem.

- Os diferentes volumes, graus de luminosidade e ângulos que apresentam as mesmas figuras de ambos os olhos, encaixam perfeitamente no fenômeno da visão estereoscópica. O alongamento de algumas imagens corresponde ao reflexo das mesmas numa figura convexa, tal como é o olho humano, diz Tonsmann.

- Mesmo com a tecnologia atual, seria impossível "pintar" imagens destas dimensões com a precisão e os detalhes que aparecem nas doze figuras encontradas. até agora, pelos computadores. E, menos ainda, se considerarmos o tosco material com que foi feito o ayate. Não podemos esquecer também que se fala de dimensões microscópicas, do diâmetro real das córneas na imagem impressa no ayate de Juan Diego: sete ou oito milímetros.

A teoria Tonsmann

"A minha teoria deve ser localizada a um décimo de segundo

imediatamente anterior ao fato físico da queda das flores.

Na minha opinião, a Virgem estava presente naquele quarto ou pátio, onde ocorreu o chamado "milagre das rosas".

E devia estar perto do Bispo, do índio Juan Diego e dos demais assistentes. O "homem com barba", por exemplo, era a pessoa que estava mais perto dela: a 30 ou 40 centímetros.

Mas ninguém apercebeu-se da sua presença pela simples razão de que não foi vista. A senhora era invisível aos olhos humanos.

Mesmo que não possamos entendê-lo, esta invisibilidade não queria significar uma presença irreal. Em outras palavras a Virgem podia estar física e materialmente presente, junto aos personagens, porém não era visível. E nos seus olhos deviam estar se refletindo as figuras destas pessoas, especialmente a do "homem barbudo", por causa da sua proximidade.

Quando dom Diego abriu a sua capa e as rosas caíram no chão, a imagem da Senhora ficou misteriosamente impressa no tecido de ayate, levando nos seus olhos o reflexo de todo o grupo".

Até aqui os trechos das teorias de Aste Tonsmann, expostas a J.J. Benitez.

Enigmas para o Século XX

O Santo Sudário de Turim e a Virgem de Guadalupe, a aparição do Tepeyac, parecem ser mensagens que vieram do passado. É o homem do século XX que, mediante sofisticados elementos como o computador e detectores de radiação, estaria em condições de entender a "mensagem" que nos foi deixada.

Mas qual é esta "Mensagem"?

Bibliografia

- Cronistas de la Colonia - Documentação da Biblioteca privada do Dr. Francisco Harrisson de la Barra.
- El Mistério de Guadalupe, de J. J. Benitez, Editorial Planetario, Barcelona, Espanha, 1982.
- Historia de la Iglesia en México, Padre Mariano Cuevas, S.J., Antigua Imprenta de Murguia, México, 1921.
- Los Aztecas, de Jacques Soustelle, O. Kustan S.A., Edições Barcelona, Espanha, 1980.

Enciclopédia llustrada Espasa-Calpe.

Santa Maria de Guadalupe e o Beato Juan Diego -
Declaração da Presidência da conferência Episcopal do México
sobre a fé na Virgem do Tepeyac publicado no jornal
L'Osservatore Romano, edição semanal em português n. 31
(1.391), 3 de agosto de 1996, pág. 3 (367)

Saudamo-vos fraternalmente e, em cumprimento da nossa missão pastoral, queremos confessar, uma vez mais, a nossa fé comum em Cristo, o único Redentor do mundo, e em Maria de Guadalupe, sua Mãe santíssima que, com olhar bondoso e sereno, esteve presente na nossa história, especialmente do México e da América Latina, de geração em geração, desde o lugar sagrado para todos nós, o Tepeyac.

Nestes momentos críticos que vivemos no México, não devemos permitir que as falsidades ou as dúvidas nos dividam ou debilitem a nossa fé. Nós, Bispos, queremos convidar todos os mexicanos a olhar para a santa Mãe de Guadalupe com esperança, a renovar a nossa vontade de construir uma sociedade mexicana mais solidária e uma Igreja mais missionária.

Cristo, Redentor do mundo, esteve presente na história do México, de geração em geração, por meio da sua Igreja e da sua Mãe santíssima, a mesma que O deu à luz em Belém, a mesma que estava junto da cruz no Gólgota, a mesma que nos ama e nos acompanha desde a venerada basílica de Guadalupe, lugar sagrado para o qual todos nós, filhos da Pátria mexicana, onde quer que estejamos, dirigimos os nossos olhares e os nossos corações. Deste santuário, onde pulsa o coração materno que dá vida e esperança a todos os mexicanos, Santa Maria de Guadalupe dá-nos serenidade, alegria, paz, ânimo para superarmos as dificuldades e continuarmos a construir uma sociedade mais solidária, em que reinem a justiça, a verdade e a fraternidade, que façam do nosso querido povo uma grande família.

No Tepeyac, Santa Maria de Guadalupe mostra-nos grande ternura e preocupação materna, oferecendo-nos "amor compassivo, auxílio e defesa" (Nic. Mop. 30). Experimentámos a fidelidade do seu compromisso evangelizador nas mais graves crises da nossa história. Compadecendo-se de todos os moradores desta terra, através da mensagem a Juan Diego e pela sua mesma imagem, faz-nos sentir a sua presença, encorajando a esperança e protegendo a vida dos seus filhos: "Não temas esta enfermidade nem qualquer outra doença e angústia. Não estou aqui eu que sou a tua Mãe? Não estás à minha sombra? Não sou a tua saúde? Tens necessidade de algo mais?" (Nic. Mop. 120-121).

Junto dela, veneramos o Beato Juan Diego, confidente da suave Senhora do Tepeyac. A sua amável figura é inseparável do fato guadalupense; aprece junto dela, tanto nos monumentos iconográficos e literários, como na secular devoção que o povo do México tem manifestado para com este indígena de Cuautitlán, predileto de Maria.

O Papa João Paulo II, em Maio de 1990, quando o proclamou Beato, dizia-nos: "À semelhança das antigas personagens bíblicas, que eram uma representação coletiva de todo o povo, poderíamos dizer que Juan Diego representa todos os indígenas que acolheram o Evangelho de Jesus, graças à ajuda materna de Maria, sempre inseparável da manifestação do seu Filho Jesus Cristo". Ele é, portanto, modelo de vida e intercessor diante de Deus.

As notícias certas que dele nos chegaram, por documentos históricos dignos de crédito, elogiam as suas virtudes: a fé simples, nutrida na catequese e acolhedora dos mistérios de Deus; a esperança e a confiança na Virgem Maria; a caridade e a coerência moral, o desapego e a pobreza evangélica.

Levando uma vida de eremita junto do Tepeyac, Juan Diego foi exemplo de humildade até morrer em 1548, aos 74 anos de idade. A Virgem de Guadalupe escolheu-o entre os humildes para a sua manifestação condescendente e amorosa, nas manifestações guadalupenses. Uma recordação permanente das aparições é a sua imagem bendita, que nos deixou como inestimável dom e que se conservou na basílica de Guadalupe, mesmo em tempos tormentosos e convulsionados. Ela tem sido "vida, doçura e esperança nossa"; ela continua a

sensibilizar-se com os nossos sofrimentos e dores; ela anima-nos a darmos sentido às nossas vidas, sobretudo quando a visitamos em peregrinação e lhe pedimos que nos mostre Jesus, o fruto bendito do seu ventre e que nos ajude a viver como irmãos. desta maneira, ela quis ficar no meio de nós, como sinal de comunhão e de unidade de todos nós que vivemos e convivemos nesta terra.

México, D.F., 31 de maio de 1996.